

Os bancários do RJ retornam às urnas

MOÍSES RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Os contatos preliminares para um acordo entre o Brasil e o FMI foram concluídos ontem, em Washington, com a previsão de que tanto a economia brasileira como os empréstimos externos ao Brasil deverão crescer lentamente neste ano.

O chefe da missão brasileira que passou a semana reunido com técnicos do FMI, Michal Gartenkraut, secretário-geral-adjunto do Ministério da Fazenda, confirmou que o início das negociações formais está marcado para a segunda quinzena de maio, no Brasil, e que o objetivo é o de conseguir um programa de 18 meses, talvez no valor de US\$ 700 milhões.

O valor definitivo não chegou a ser discutido, segundo Gartenkraut, porque o trabalho, foi apenas preparatório. "O programa do Brasil ainda não está pronto", disse, acrescentando: "O texto deverá sair no final da semana que vem. Será apresentado à missão do FMI como um programa nosso. Se quiserem participar do nosso programa, ótimo".

Gartenkraut prevê um programa "austero" que não implicará a tomada de novas medidas de impacto. Um exemplo que ele deu foi o da separação entre o Tesouro e o Banco Central. Um outro, o das medidas de corte do orçamento já adotadas.

"O que o FMI gostaria não dá para atender: zerar o déficit e pro-

duzir superávit", comentou Gartenkraut, avisando, porém, que não lhe pediram isto, em nenhum momento. "Mas sabemos que é o que eles pensam."

Nas reuniões preliminares desta semana foram simulados vários modelos de perspectivas econômicas para o Brasil, levando em conta quanto os bancos privados e o FMI emprestarão no meio do ano. A conclusão de Gartenkraut é a de que "está cada vez mais difícil conseguir dinheiro de fora". Na década de 70, como lembrou, o Brasil conseguia 5% do PIB em "poupança externa". Pela projeção feita agora, o Brasil poderá conseguir o equivalente a 2% do PIB em 1993. Neste ano, e no ano que vem, o volume de empréstimo se limitará a 1%.

"A projeção não é otimista, embora não seja pessimista", acrescentou. "Compatibiliza um crescimento relativamente baixo do PIB e uma pequena poupança externa. Nossa crescimento atingiria 6% até 1993. E o déficit público, pela avaliação preliminar, levando-se em conta as medidas de contenção, seria de 4% em 1988, com uma pequena redução em 1989."

Gartenkraut e outros quatro técnicos do Ministério da Fazenda voltam hoje para Brasília. A semana passada no Fundo Monetário foi produtiva, pois "reduzimos o tempo de permanência dos técnicos do FMI no Brasil". Para eles, "está havendo uma compreensão muito grande das complexidades da economia brasileira, e uma maior flexibilidade por parte do FMI".